

Dever cumprido

História de [Arnalda Gomes da Silva](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 27/01/2022

Entrevista de Arnalda Gomes da Silva

Entrevistada por Luiz Egypto

01/04/2021

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista número SINPRO_HV019

Transcrito por Aponte

0:00

P/1 – Bom dia Arnalda! Várias perguntas em uma, o seu nome completo, local e data do seu nascimento? O nome do seu pai e o nome da sua mãe? Qual era a atividade do seu pai e da sua mãe? Você tem irmãos?

R – Nome completo: Arnalda Gomes da Silva; local e data de nascimento: 15/07/1959, em Padre Bernardo, em Goiás. Meu pai chama-se Elias Gomes da Silva e minha mãe é Ilosa da Silva Rocha. Meu pai ele era carpinteiro e lavrador, e a minha mãe dona de casa. E tenho quatro irmãos.

0:50 - Você começou a trabalhar ainda no tempo da associação profissional, na era pré-sindicato, como se aproximou da associação? Foi contratada para fazer o quê? Como era o dia a dia do seu serviço?

R – Em 1976, por volta ali de 1977, estava sendo criada a Associação dos Professores e as reuniões eram feitas na casa do professor Adolfo José Cabral, que foi um dos professores fundadores da associação e posteriormente transformada em sindicato. E eu morava na casa dele desde criança, e lá na casa do Cabral, por falta de espaço na associação, que era uma salinha bem pequenininha, guardava todo material, que era caixa de som, microfones, papéis, panfletos e outros materiais de propaganda. Então os professores estavam lá o tempo todo, e aí fui convivendo com eles e eles viram em mim capacidade para trabalhar lá. Em fevereiro de 1981, já como sindicato, o professor Cabral me contratou para trabalhar na limpeza e após a limpeza completava o dia nos serviços de secretaria. Eu já tinha na época o curso de segundo grau, curso de datilografia, e isso me ajudou muito a desempenhar o serviço. Na época éramos quatro funcionários para atender os professores da rede pública e também da rede particular, e todos faziam tudo, exceto limpeza, que limpeza era só comigo, não tinha divisão de tarefas. Trabalhei em todas as áreas, atendendo o professor por telefone e presencial, envio de correspondências, serviços de office girl, registro de associados, carteirinhas dos associados, leituras e recortes de jornais, datilografia e arquivos de documentos e outras coisas que apareciam ao longo do dia. A jornada era um pouco exaustiva, devido aos poucos funcionários que éramos para muita demanda.

O SINPRO não tinha um olhar voltado somente para categoria, ele sempre ajudou e foi referência, e o polo irradiador de criação de várias outras categorias de luta. Na época o sindicato ajudou a criar a Associação dos Professores da Universidade de Brasília, dos Auxiliares de Administração Escolar, a Associação dos Orientadores Educacionais, Associação dos Instrutores de Auto Escolas, Associação dos Escritores, Associação de Asseio e Conservação e Associação dos Mutuários, que era aquele antigo, os professores tinham aquele financiamento de casa própria com o BNH, então isso dava muito problema de juros, aquele saldo que eu até esqueci o nome, que era assim, era uma coisa exorbitante, os professores precisavam de justiça para poder recorrer para conseguir pagar, e a gente fazia todo esse serviço para esse pessoal também, na tiragem de cópias, datilografar documentos, envio de correspondências e tudo mais que aparecia ao longo do dia. Então a gente trabalhava para o sindicato e também na ajuda dessas associações que eram criadas com ajuda do sindicato, e praticamente lá dentro, a gente convivia com eles o tempo todo: era uma mesa de professor, e outra mesa para atender esse outro pessoal. Então assim, era bem cansativo, bem desgastante, mas a gente dava conta de tudo, porque era muito prazeroso, porque todo mundo se ajudava, a diretoria também ajudava, não ficava só aquela separação de serviço só com funcionários, todo mundo fazia tudo. A diretoria sentava na mesa com a gente, para dobrar jornal, para poder enviar correspondência, então era uma coisa assim bem gostosa de fazer. Assim foi... A gente saía e ia embora para casa de tarde com aquela sensação de dever cumprido, era tudo muito bom.

5:38

P/1 - Você conheceu o Olímpio Gonçalves Mendes, fale um pouco sobre ele? Como era conviver com Olímpio? O que mais lhe chamava atenção nele?

R – Conheci sim e muito! Ele não saía lá de casa, o professor Olímpio foi fundador do Sindicato dos Professores, ele era um profundo conhecedor das necessidades da categoria, ele sofreu isso na própria pele, quando foi demitido da Fundação Educacional na primeira greve da categoria, em 1979, ele o professor Márcio Baiocchi e a professora Lúcia Iwanow, foram demitidos. Aí ele foi trabalhar na rede particular, portanto ele conhecia a realidade dos dois lados, e lutava pela sua melhoria. Em 1985 ele foi reconduzido ao cargo, através de um acordo

coletivo de trabalho firmado entre o sindicato e o governador do DF, José Aparecido. Ele era uma pessoa de personalidade extremamente equilibrada, muito inteligente, muito observador, corajoso, muito bonito, por fora e por dentro. Ele tinha um fôro para dialogar e negociar como ninguém. Lembrando que o sindicato foi fundado na ditadura militar, num regime totalmente opressor e autoritário, e ele sabia conduzir a categoria com muito cuidado, ciente dos riscos e perigos que podiam ocorrer, num regime onde tudo era proibido e nada era permitido. Mas acreditando que só através da luta dos professores as melhorias nas condições de trabalho poderiam ser alcançadas. O ambiente no sindicato costuma ser uma panela de pressão, onde decisões precisam ser discutidas rápidas, eficientes e as discussões por vezes costumam ficar acaloradas. Ele chegava com aquele sorriso apaziguador, com aquela serenidade, discernimento, assim ele desarmava todo aquele estresse dos diretores e apontava outras soluções eficientes com o intuito de diluir o conflito. Conviver com a pessoa assim ensina que precisamos ter tolerância, persistência, coragem, sabedoria e inteligência. Toda decisão tomada no calor das emoções costuma não alcançar os objetivos desejados. O que mais me chamava atenção nele era seu equilíbrio, sua coragem, humildade, sabedoria e resiliência, minhas palavras são insuficientes para descrever uma pessoa tão iluminada e carismática como ele era.

8:37

P/1 – Como foi a sua trajetória no SINPRO, por que áreas passou e quando deixou o sindicato?

R – Bom, o SINPRO foi meu primeiro emprego, onde permaneci por 38 anos e tive o privilégio de trabalhar com todos os diretores, exceto a atual diretoria. E isso foi assim num ambiente muito familiar, mais familiar do que profissional, e eu tenho eterna gratidão por todos eles. Atuei na tesouraria por três anos e fui remanejada para o setor jurídico em 1986, e por lá permaneci até dezembro de 2018, quando me desliguei de lá com um rio de lágrimas que demorou um ano para secar, e olha que se mexer muito, o rio desaba.

9:36

P/1 - O que o SINPRO representa para você?

R – Pessoalmente uma família que me acolheu de braços abertos por 38 anos, profissionalmente; luta e resiliência, uma escola de múltiplas aprendizagens, por ser uma entidade combativa, forte, representativa e de união, que nos fortalece e liberta para conviver numa sociedade tão desigual, tão preconceituosa e tão desrespeitada pelo poder público. Então trabalhar num ambiente assim tão acolhedor, foi muito gratificante, me fez sentir parte fundamental no processo de luta e construção para uma sociedade mais justa e igualitária. Ideais esses que são o norte da instituição até os dias de hoje, então só tenho a agradecer por tudo isso.

10:37

P/1 - Quais você considera os maiores desafios que o SINPRO tem hoje?

R – Olha com essa pandemia os desafios são muitos, a começar pela vacina que tem que ser para todos, isso num governo totalmente sem compromisso com a gestão pública para o qual foi eleito, sem responsabilidade e empatia para o próximo. Não sei quando o SINPRO vai poder restabelecer polos de discussão com a categoria de forma presencial, que seria a volta das assembleias, seminários, visitas às escolas e os debates que são assim, essenciais. E esse contato olho a olho, ele impulsiona mais do que a comunicação feita de forma virtual, eu pelo menos, eu acho isso, não sei se estou certa nessa interpretação, mas é o que eu vejo. A tecnologia sem dúvida é uma ferramenta importante para acelerar qualquer tipo de mobilização, mas tem suas limitações – fake news, por exemplo, é um problema recorrente nas mídias sociais. No toque de um dedo a comunicação chega falsa a entomo aí de 30 mil associados, e desfazer isso às vezes é quase impossível, gerando insegurança e perda da credibilidade, e criando desgaste desnecessário, que isso não leva a lugar nenhum, mas o fake news é presente nas mídias e não tem como a gente viver sem ele, infelizmente.

Eu queria fazer um agradecimento a diretoria por eu ter participado dessa discussão na construção desse documento, desse documentário. Eu não sei se posso, mas vou fazer, aí depois você vê como é que fica. Então primeiramente eu queria agradecer a toda diretoria, em especial a professora Rosilene, ela que me convidou a participar da elaboração desse documento de resgate a memória do SINPRO, que é um dos maiores sindicatos do Brasil, servindo de modelo e referência para outras classes trabalhadoras, então para mim isso foi uma honra participar, então assim, eu quero deixar minha eterna gratidão e meu muito obrigado a cada um dos diretores, muito obrigado mesmo, de coração.